

# RAUL BOPP

## VIDA E MORTE DA ANTROPOFAGIA



CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA / MEC

Coleção  
VERA CRUZ  
(Literatura Brasileira)  
Volume 243



B716v Bopp, Raul, 1898  
Vida e morte da antropofagia. Rio de Janeiro,  
Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1977.  
p. (Vera Cruz, v. 243)

Rascunho autobiográfico e bibliografia de Raul Bopp

1. Literatura brasileira — Século 20 — História e crítica  
I. Instituto Nacional do Livro II. Título III. Série

CCF/SNEL/RJ-77-0088

CDD — 869.909  
CDU — 869.0(81).09"1922"

Raul Bopp

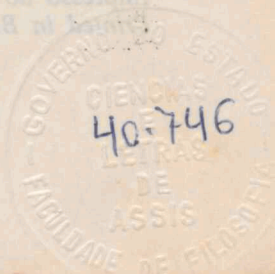
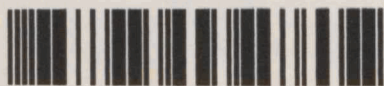
# Vida e Morte da Antropofagia

Em convênio com o  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO  
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA



civilização  
brasileira  
1977

0701040746



Exemplar N.º 1829

**OBSERVAÇÃO:** Com exceção do capítulo "Magicismo do universo amazônico num poema", as demais partes deste livro foram publicadas, esparsamente, no período 1965/1966, em jornais ou em livros de tiragem reduzida.

Montagem de capa de:  
DOUNÊ  
Sobre o "Abaporu" de  
TARSILA DO AMARAL

Diagramação:  
LÉA CAULLIRAUX

Direitos desta edição reservados à  
EDITORA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA S.A.  
Rua Muniz Barreto, 91/93  
RIO DE JANEIRO — RJ

1977 — 40.º aniversário do  
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

Impresso no Brasil  
*Printed in Brazil*

Biblioteca da F.F.C.L. Assis					
DATA	8	6	9	9	09
27/1/78	B	7	2	5	0
TOMBO					
40746					

"impaciente de sujeição" (Vicira), transformou-se num catecúmeno submisso. Desvalorizou-se pela humildade.

### • *Civilização Técnica*

— Somos prisioneiros de uma civilização técnica. Perdemos contato com a terra. Precisamos, dizia Oswald, em ímpetos de um nacionalismo transbordante, de um Brasil afastado das calmarias. O homem branco chegou, trazendo a gramática lusa, o baralho e a idéja do pecado. Essas três sementes criaram profundas raízes. Degeneraram as formas daninhas. Quase que acabam com o Brasil.

### A "Descida"

A *Descida* agitou os araias literários de São Paulo. Formou barricadas. Entrou em colisão com grupos da velha escola, numa linguagem agressiva e impiedosa. A vacina antropofágica imunizava algumas atitudes destemidas. Flávio de Carvalho, por exemplo, realizou a sua *Experiência Número 2*, em sondagem psicológica da multidão, numa procissão de *Corpus Christi*. Quase foi linchado.

O interesse intelectual do movimento fazia-se já sentir em diversos setores. Era discutido nas livrarias e pelos cafés da Rua 15. O teatro negro, que Di Cavalcanti animava, com um grupo da nova escola (Antônio Bento, Mário Pedrosa, Lívio Xavier, Plínio Melo e outros), remexia idéias que foram se instalando na órbita do modernismo, com um tempero de sátira social.

Quando Berta Singerman, numa das suas andanças declamatórias pelo Brasil, anunciou o seu novo recital de poesia, no Teatro Municipal, a Antropofagia lançou também, em vistoso cartaz, no mesmo dia, um recital literário da negra Sorumbá, denominada "a nossa disease".

### *Divulgação nos Estados*

Em maio de 1928, apareceu a *Revista de Antropofagia*. O mensário servia de cartão de visitas, para contato com núcleos

intelectuais de vanguarda, nos Estados: com o grupo mineiro, de *A Revista*, de Belo Horizonte, e da *Verde*, de Cataguases; a *Revista do Norte*, de Recife; a *Maracajá*, de Fortaleza; a *Madrugada* e a *Revista do Globo*, de Porto Alegre, etc. Por sua vez, a Agência Brasileira, através da sua rede de jornais por todo o País, divulgava, com frequência, súmulas dos acontecimentos no mundos das letras.

### Reajustamentos

Depois de um primeiro período, ainda em fase de transição, viu-se que o movimento antropofágico necessitava de reajustamentos na sua orientação. Em vez de piadismos ligeiros, em torno de assuntos em debate, o grupo deveria fixar-se em análises mais sérias. Achou-se, também, que seria conveniente captar maior interesse público para as idéias básicas do movimento. A sua divulgação teria, naturalmente, maior alcance através de algum órgão idôneo da imprensa paulista.

Rubens do Amaral, que chefiava a redação do *Diário de São Paulo*, concordou em ceder, para essa finalidade, uma página inteira de seu matutino às quinta-feiras. A página ficou, desse modo, conhecida como órgão da Antropofagia Brasileira de Letras (de 29 de agosto em diante).

### Pequenas Hostilidades

Após a publicação de *Macunaíma* (um dos trabalhos mais notáveis do modernismo, nessa época), Oswald procurou persuadir Mário a participar do movimento. As idéias do poeta da *Paulicéia Desvairada* ajustavam-se perfeitamente aos esquemas antropofágicos. Mas Mário desinteressou-se pelo convite. Sentia-se satisfeito com a popularidade que lhe coube no inventário da Semana. Tinha, além disso, fortes implicações de amizade com uma confraria de admiradores. Preferia ficar em sossego. Afastou-se, aos poucos, do grupo.

Oswald, ao contrário, queria agitação. Vitalizava o movimento com um ânimo satírico. Fermentava malícias. Criava

confusões, quando convinham. Uma vez, às escondidas, respingou a mitra verde-amarelista. Menotti saiu a campo. Chamou Mário (que nada tinha com a coisa) de Nilo Peçanha da Literatura Nacional. Saíram bodocadas em padrões lusos. Osvaldo Costa agitava o mundo das letras com os seus famosos moquéns. A página das quintas-feiras tornou-se notória pelas suas irreverências. Um dia, publicou, em destaque, uma citação do Novo Testamento:

“Em verdade, se fizerdes o que vos digo, no dia do Juízo estareis comigo no Paraíso”.

A citação levava o seguinte título: “Suborno”. Rubens do Amaral perdeu a calma. Pediu para acabar definitivamente com a página. Cresciam as devoluções de jornais, em protesto contra as notas que se publicavam.

### *Três Ciclos*

Encerrou-se, dessa forma, o segundo ciclo do movimento. O primeiro, com a *Revista de Antropofagia*, teve apreciáveis proveitos para tomadas de contato. Penetrou em alguns núcleos jovens que agitavam as letras nos Estados, com anseios de renovação; o segundo assinalou-se pela sua agressividade. Demoliu alguns elementos que, sem serem vanguardistas, figuravam na cena dos acontecimentos, numa ruidosa confusão de valores; na fase final (terceiro tempo), sem comichões de publicidade, começou-se a pensar, com mais serenidade, numa reestruturação de idéias, de modo a salvar resultados possíveis.

### *Congresso*

Oswald era de opinião que se precisava firmar postulados, para conduzir o movimento com novos critérios. Para isso, cogitava da preparação de um retiro de alguns dias, na fazenda de café de Tarsila, de ambiente tranqüilo. De acordo com as conclusões a que chegasse o grupo, seria oportunamente convocado um congresso, de ressonância nacional, para debates de teses.

# Inventário da Antropofagia



A Chefa do movimento foi Tarsila. Oswald ia na vanguarda, irreverente, naquele solecismo social de São Paulo. Foi elemento de resistência e agressão. Pôs a "Antropofagia" no cartaz, com uma técnica de valorização.

Tarsila, na sua simplicidade, semeava idéias. Queria um retorno ao Brasil, à sua ternura primitiva. A flecha antropofágica indicava uma nova direção.

— Vamos descer à nossa Pré-história. Trazer alguma coisa desse fundo imenso, atávico. Catar os anais totêmicos. Remexer raízes da raça, com um pensamento de psicanálise. Desse reencontro com as nossas coisas, num clima criador, poderemos atingir uma nova estrutura de idéias. Solidários com as origens. Fazer um Brasil à nossa semelhança, de encadeamentos profundos.

Repete-se o homem da caverna. Vamos reunir uma geração. Fazer o nosso "Contrato Social". A mocidade está desencantada, perdendo tempo com esnobismos culturais. Secou a alma no cartesianismo. Para que Roma? Temos mistério em casa. A terra grávida. Vozes nos acompanham de longe. Arte não precisa de explicação.

O "nosso" Brasil começa lá adiante. Terra do sem-lhe-achar-fim, com áreas paradas. Caboclo vai acompanhando a

linha de mato. Ficam para trás cidadezinhas descalças, fora do centro de gravidade, acoradas nas abas dos morros. Casarões do velho Saint-Hilaire, com escravos enterrados nas paredes. As portas emperradas magem.

Em sábados de bruxa, à noite, o “berra boi”, com a encomendação das almas. “Creio em Deus Padre...”

Param moendas na área rural. O verão bebe o rio. Murçam as lavouras cansadas. Passa o cansaço, escorchando a terra, numa cumplicidade de sangues e incêndios. As vinganças se sucedem nas tocaias. A Idade Média continua.

Num povoado adiante, negro coroa-se de rei, à porta da igreja. Desfila o “Bumba-meu-boi”, como um balé de rua, adoçando um pouco a alma do Brasil.

Todo esse cozido geográfico, com dramas do sertão e heranças de mau-olhado, agita-se dentro das fronteiras antropofágicas. A floresta, em toda a sua brutalidade, gerando mundos mágicos. Árvores que emprenham moças. Cobra Grande vai se casar.

Os que iniciaram o movimento preocuparam-se em chamar a atenção para um Brasil diferente, num privilégio de descobrir coisas. Fixar meridianos para um novo *Diálogo das Grandezas*. Roça de homens que se orgulhavam de engolir o seu semelhante! (Qualquer coisa de honroso para a nossa Pré-história.)

A Arca antropofágica encalhou em São Paulo, com esse material a bordo. Urubu foi ver se as águas já tinham baixado. Não voltou mais. Houve imprevistos na descida. Os planos de reação e renovação ficaram num deixa-estar ou acomodaram-se em variantes cosmopolitas. A experiência brasileira do grupo perdeu o seu significado inicial.